

I Fórum da Educação de Jovens e Adultos – Região das Águas

Teorias do Currículo

A questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado.

De forma mais sintética a questão central é: o quê?

Para responder a essa questão, as diferentes teorias podem recorrer a discussões sobre a natureza humana, sobre a natureza da aprendizagem ou sobre a natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade.

O currículo é sempre o resultado de uma seleção.

As teorias do currículo buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados.

Quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade.

É precisamente a questão do poder que vai separar as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas do currículo.

As teorias tradicionais pretendem ser apenas isso: “teorias” neutras, científicas, desinteressadas.

As teorias críticas e as teorias pós-críticas, em contraste, argumentam que nenhuma teoria é neutra, científica ou desinteressada.

Toda teoria do currículo está sempre implicada em relações de poder.

A questão central das teorias críticas e pós-críticas não se limita a perguntar “o quê?” mas “por quê?”.

Quais interesses fazem com que esse conhecimento e não outro esteja no currículo?

As teorias críticas e pós-críticas de currículo estão preocupadas com as conexões entre saber, identidade e poder.

A dinâmica da sociedade capitalista gira em torno da dominação de classe, da dominação dos que detêm o controle da propriedade dos recursos materiais sobre aqueles que possuem apenas sua força de trabalho.

Essa característica da organização da economia na sociedade capitalista afeta tudo aquilo que ocorre em outras esferas sociais, como a educação e a cultura, por exemplo.

Há uma clara conexão entre a forma como a economia está organizada e a forma como o currículo está organizado.

A seleção que constitui o currículo é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes.

A dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural.

É através da reprodução da cultura dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida.

A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar, de agir.

O currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante.

[Os alunos] das classes dominantes podem facilmente compreender esse código, pois durante toda sua vida eles estiveram imersos, o tempo todo nesse código. É o seu ambiente nativo.

Em contraste, para as crianças e jovens das classes dominadas, esse código é simplesmente indecifrável. Eles não sabem do que se trata.

A vivência familiar das crianças e jovens das classes dominadas não os acostumou a esse código, que lhes aparece como algo estranho e alheio.

O resultado é que os alunos das classes dominantes são bem sucedidos na escola, o que lhes permite o acesso aos graus superiores do sistema educacional.

Enquanto os alunos das classes dominadas só podem encarar o fracasso, ficando pelo caminho.

As crianças e jovens das classes dominantes vêm seu capital cultural reconhecido e fortalecido.

As crianças e jovens das classes dominadas têm sua cultura nativa desvalorizada, ao mesmo tempo em que seu capital cultural, já inicialmente baixo ou nulo, não sofre qualquer aumento de valorização.

É essencialmente através dessa reprodução cultural, por sua vez, que as classes sociais se mantêm tal como existem, garantindo o processo de reprodução social.

Incluir o sujeito-aluno/a de EJA significa reafirmar o seu inequívoco papel nesse processo de propor um projeto pedagógico.

O currículo, portanto, deve buscar o conhecimento como forma de repartir o patrimônio produzido por toda a sociedade de modo mais equânime.

O currículo deve preparar as pessoas para o seu tempo, ampliando sua capacidade de agir na construção do novo, compreendendo e criticando o que, até então, vem sendo produzido.